

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos

José Roney de Freitas Machado

**A CONSTRUÇÃO DO MUNDO HUMANO PELOS JOGOS DE LINGUAGEM:
da lógica à pragmática Wittgensteriana**

Belo Horizonte

2013

José Roney de Freitas Machado

**A CONSTRUÇÃO DO MUNDO HUMANO PELOS JOGOS DE LINGUAGEM:
da lógica à pragmática Wittgensteriana**

Monografia apresentada ao curso de filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Márcio Eurípedes Gomide

Belo Horizonte

2013

M149c

Machado, José Roney de Freitas

A construção do mundo humano pelos jogos de linguagem: da lógica a pragmática Wittgensteriana. / José Roney de Freitas Machado. Belo Horizonte, 2013.

36f.

Orientador: Márcio Eurípedes Gomide
Monografia (Graduação) – Instituto Santo Tomás de Aquino,
Graduação em Filosofia.

1. Construção. 2. Mundo. 3. Modo de vida. 4. Jogos de linguagem.
5. Wittgenstein. I. Gomide, Márcio Eurípedes. II. Instituto Santo Tomás de Aquino. III. Título.

CDU 1(436)

José Roney de Freitas Machado

**A CONSTRUÇÃO DO MUNDO HUMANO PELOS JOGOS DE LINGUAGEM:
da lógica à pragmática Wittgensteriana**

Monografia apresentada ao curso de filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Márcio Eurípedes Gomide (Orientador)

Belo Horizonte, 01 de novembro de 2013.

A todos aqueles que acreditam ser possível a construção de um mundo novo, bem como de uma humanidade nova, mais plena de amor, justiça e sentido.

AGRADECIMENTOS

Caminho se faz caminhando, não obstante, ninguém caminha só. Neste sentido, mais do que politicamente correto, é justo e necessário tecer o meu sincero agradecimento a todos aqueles que, lado a lado ou à distância, sempre estiveram comigo ao longo desta jornada acadêmica.

Deus, Senhor de minha vida.

Família, meu maior tesouro.

Preciosos amigos.

Estimados colegas de turma.

Prezados professores.

Caro Márcio Eurípedes Gomide meu orientador.

Fraternidade franciscana.

Formadores.

Companheiros de etapa (Bruno Laviola, Fernando Alves Rocha, Adenilton Pereira Reis)

Província Santa Cruz.

A todos vocês o meu muito obrigado; esta conquista é nossa.

“O que é bom, é também divino. Por mais estranho que possa parecer, essa afirmação resume a minha ética. Só algo de sobrenatural pode expressar o sobrenatural.”

(Wittgenstein)

RESUMO

Wittgenstein, tendo realizado o seu primeiro trabalho filosófico denominado *Tractatus-Logico-Filosoficus*, após um longo período longe dos âmbitos acadêmicos, retornou a Cambridge e pôs-se a reformular seus pressupostos analíticos, introduzindo em sua pesquisa o conceito de Jogos de Linguagem. Esses Jogos seriam, pois, uma espécie de combinação de palavras, atos ou comportamentos que permeiam nossa prática social diária, isto é, uma forma de vida na qual as pessoas se autoafirmam com suas crenças, valores e costumes, dentro de um contexto histórico-cultural específico. Dentro desses Jogos, pois, que os seres humanos construiriam o seu mundo, bem como a si próprios por meio da linguagem. Portanto, visa-se neste trabalho perscrutar brevemente os dois momentos filosóficos de Wittgenstein, aprofundar a noção de Jogos de Linguagem e verificar como a inserção nesta ordem do significante possibilita aos sujeitos linguísticos empreenderem a construção de seu mundo simbólico.

Palavras-chave: Construção. Mundo. Modo de vida. Jogos de linguagem. Wittgenstein.

ABSTRACT

Wittgenstein, having written his first philosophical work called *Tractatus-Logico-Filosoficus*, after a long time far from the academic environment, returned to Cambridge and started to reformulate his analytical assumptions, introducing the concept of Games of Language in his research. These games would be, then, a kind of combination of words, acts or behaviors which spread through our social daily practice, that is, a way of life in which the people affirm themselves through their beliefs, values and customs, in a specific historic-cultural context. Among these games, then, the human beings would build their world, as well as themselves through the language. Therefore, the purpose of this work is peering closely both philosophic moments from Wittgenstein, deepening the idea of Games of Language and checking how the addition of the signifier in this order enables the linguistic subjects to undertake the construction of their symbolic world.

Keywords: Construction. World. Way of life. Games of Language. Wittgenstein.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O FUNDAMENTO LINGUÍSTICO DO REAL.....	13
2.1 O FICCIONISMO DO MUNDO.....	13
2.2 DA LÓGICA À PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM.....	14
3 OS JOGOS LINGUÍSTICOS E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO.....	20
3.1 MUNDO, FENÔMENO E LINGUAGEM.....	20
3.2 O LUGAR HERMENÊUTICO DE NOSSA FALA.....	24
3.3 A MULTIPLICIDADE DOS JOGOS LINGUÍSTICOS.....	26
4 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O mundo é uma ficção. Nossa relação com ele é sempre mediatizada por processos sensoriais, perceptivos e cognitivos. Não temos acesso ao mundo em sua brutalidade e facticidade, em sua concreta e empiricidade de um em si. O mundo acontece em nossa mente enquanto representação, imagem, ou, fenômeno por assim dizer.

Em uma perspectiva epistêmica e idealista, Descartes e Kant chegaram a esta mesma conclusão. Segundo ambos, haveria um *aparactus cognitivus* por parte do sujeito que seria a condição de possibilidade para a existência do mundo fenomênico. Em outras palavras, o sujeito construiria o mundo a partir de esquemas transcendentais inatas; no caso de Descartes, o *cógitio*, quanto a Kant, as formas de conhecimento *a priori*.

Não obstante, é possível que este e aquele tenham se equivocado ao considerarem, em última instância, que o sujeito possa existir sem o objeto, por isso, haverem preterido o duplo movimento que envolve o processo simbólico de construção do mundo, no qual, o sujeito, ao mesmo tempo em que condiciona e objetiva a realidade, é muito mais condicionado e objetivado por ela. Neste sentido, a proposta fenomenológica de Husserl trabalharia mais satisfatoriamente a questão ao postular que não exista sujeito sem objeto, bem como ao conceber que a consciência é sempre consciência de algo que se constitui na mente, na medida em que o sujeito estabelece uma relação com o mundo exterior.

De qualquer maneira, no século XX, após a virada linguística, o filósofo Ludwig Wittgenstein também teve a intuição de que o mundo fosse de algum modo uma ficção, uma construção humana, porém, ele vislumbra tal possibilidade na perspectiva da linguagem. Todavia, tal ideia só povoou de fato sua mente no momento subsequente a seu primeiro trabalho filosófico denominado *Tractatus-Logico-Filosoficus*, no qual sua concepção de linguagem se encontra por demais influenciada, ou, em algum sentido, contaminada pelo positivismo lógico.

Assim sendo, na ótica do *Tractatus*, tomar-se-ia o mundo como sendo um emaranhado de fatos lógicos (estados de coisas, ligações de objetos), e a linguagem, como uma entidade fixa capaz de exibir fidedignamente todas estas coisas, tal qual um espelho ou uma pintura podem refletir e representar a realidade. Por conseguinte, o significado das palavras seria exatamente aquilo a que elas se referissem, e não se poderia ir além disso. Ademais, os limites da linguagem seriam os limites do mundo, aliás, o mundo só seria possível na medida em que pudesse ser exprimido linguisticamente. Destarte, tudo aquilo que fugisse da lógica referencial entre mundo e linguagem não poderia ser dito, logo, deveria ser calado.

Assim, Wittgenstein encerra o seu primeiro momento filosófico, num absoluto e pretensioso silêncio. Absoluto porque, ele não foi capaz de representar ou dizer daquilo que era o elemento comum entre o mundo e a linguagem, a condição de possibilidade, por assim dizer, para a figuração perfeita deste por aquele: a sua noção de forma lógica. Depois, pretensioso pelo fato de que Wittgenstein, por meio de seu *Tractatus* pensou haver resolvido todos os problemas da filosofia que, segundo ele, tinham sua gênese no uso inadequado da linguagem; razão pela qual considerou muitos deles como sendo pseudoproblemas.

Entretanto, após um longo período longe dos âmbitos acadêmicos e das discussões filosóficas, Wittgenstein retoma suas pesquisas acerca da linguagem, porém, em uma direção completamente diferente da que se encontrava no *Tractatus-Logico-Filosoficus*. Como quem havia se dado conta de seus próprios equívocos, ele pôs-se a rever seus pressupostos teóricos e a reformular suas noções fundamentais sobre a linguagem, no intuito de corrigir a concepção demasiado reducionista de outrora.

Foi então que, ao estabelecer uma analogia entre a linguagem e o jogo de xadrez ele percebeu que, tal qual o jogo, a linguagem possui características próprias, especificidades, normas que possibilitam sua compreensão dentro de um determinado ambiente linguístico. Ora, pois, a relação entre aquilo que nomeia e o que é nomeado estaria perpassada por regras, de modo tal que o significado daquilo que se diz só poderia ser apreendido dentro do contexto em que tais regras operassem.

Dáí por diante, Wittgenstein rompe com a ideia de linguagem como mediação e passa a concebê-la como sendo parte da totalidade humana, entendendo que ela abre para inúmeras possibilidades de construção. À todas estas possíveis construções, que podem se traduzir tanto em expressões e palavras, quanto em atos e comportamentos é que Wittgenstein vai chamar de jogos de linguagem. Neles, o sujeito mesmo elucida o significado da palavra, isto é, dá-se o sentido de um termo mediante o seu uso efetivo na linguagem, não mais a partir de estruturas lógicas fixas.

Tal compreensão marca definitivamente a passagem de Wittgenstein da teoria pictórica da linguagem (linguagem como espelho) para a teoria pragmática, ao mesmo tempo em que determina os dois distintos momentos de seu pensamento filosófico. Disso, decorre que o mundo não mais seja considerado como sendo um conjunto de fatos lógicos encadeados no tempo e no espaço, mas sim, uma construção simbólico-linguística operada por meio dos metafóricos jogos de linguagem que, em última análise, segundo o próprio Wittgenstein, implicam um modo de vida.

Afim de melhor analisar as referidas ideias, o desenvolvimento deste trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro, colocaremos o assunto a partir de uma breve explicação do tema, a saber, o que já se realiza na presente introdução. No segundo, trabalharemos a ideia de mundo enquanto ficção mediante a uma breve alusão às concepções filosófico-racionalistas de Descartes e Kant. Em seguida, introduziremos a proposta linguístico-filosófica de Wittgenstein, perfazendo um caminho que compreende aos dois distintos momentos de seu pensamento: o da Filosofia da Linguagem Ideal (lógica), e o da Filosofia da Linguagem Ordinária (pragmática).

No terceiro capítulo, por sua vez, aprofundaremos o conceito de jogos de linguagem elaborado pelo segundo Wittgenstein, investigando como os sujeitos linguísticos são instruídos nos mesmos, de modo tal a assimilarem suas regras e apreenderem os múltiplos significados da palavra em seus mais variados contextos. Ademais, observaremos como é possível aos portadores da linguagem constituírem para si uma realidade simbólica que ultrapassa os limites da materialidade, culminando, assim, em um mundo linguisticamente humano.

Por fim, no quarto capítulo, faremos algumas considerações gerais acerca da temática, não no sentido de esgotá-la de problematizações, mas, ao contrário, em vista de ampliarmos o seu campo de reflexão para além dos limites exigidos por este trabalho; no caso, às perspectivas existencial e psicanalítica.

2 O FUNDAMENTO LINGUÍSTICO DO REAL

2.1 O FICCIONISMO DO MUNDO

O mundo é uma ficção. Esta parece ser a evidência inevitável a que se chega uma vez que se reporte ao racionalismo de Descartes. Não necessariamente porque ele desconsidere a existência de um mundo empírico, mas, sobretudo, pelo fato de que esta *res extensa*, para ser considerada como tal, deve obrigatoriamente submeter-se ao método, isto é, deve passar pelo crivo analítico da razão. Em outras palavras, o *cógito*, princípio último de toda a inteligibilidade, é quem põe efetivamente a realidade. Destarte, o mundo só o é porque existe uma entidade egológica primeira, uma *res cogitans* que lhe é anterior, e que, por sua vez, possui as condições lógico-formais estruturais para dizer o que ele é.

Por conseguinte, tal concepção tornou-se ainda mais sofisticada a partir da hipótese formulada por Kant em sua obra “Crítica da Razão Pura Prática”. Para ele, o sujeito só pode conhecer o que se manifesta, aquilo que se apresenta às suas formas de conhecimento *a priori*; ao seu *aparatus cognitivus* por assim dizer. Estas formas, como que captam os elementos desordenados e caóticos do mundo empírico advindos pelos sentidos e os organizam segundo as formas do espaço e do tempo em um objeto fenomênico, de tal modo que o sujeito possa conhecê-lo e conceituá-lo. Assim, ao conceituar, o sujeito diz o que a coisa é (o objeto), mas, o diz desde si, isto é, a partir das representações que seus “óculos cognitivos”, por meio de suas faculdades da sensibilidade, do entendimento e do juízo (capacidade de formular proposições determinativas, fazer afirmações verdadeiras sobre as coisas) elaboraram e apontaram como sendo tal coisa; no caso, o mundo.

Deste modo, o mundo nada mais seria que uma criação do “sujeito transcendental”; mesmo porque, embora ele realmente se conserve e se sustente por sua intrínseca natureza de um “em si”, tal evidência é completamente inacessível ao entendimento humano (limite do conhecimento), que só pode conhecer aquilo que aparece, o fenômeno. Portanto, o mundo se constituiria dentro de nós, ele seria uma ficção, uma construção do sujeito cognoscente.

Devíamo-nos, contudo, lembrar de que os corpos não são objectos em si, que nos estejam presentes, mas uma simples manifestação fenoménica, sabe-se lá de que objecto desconhecido; de que o movimento não é efeito de uma causa desconhecida, mas unicamente a manifestação fenoménica da sua influência sobre os nossos sentidos; de que, por consequência, estas duas coisas não são algo fora de nós, mas apenas representações em nós; de que, portanto, não é o movimento da matéria que produz em nós representações, mas que ele próprio (e, portanto também a matéria que se torna, assim, cognoscível) é mera representação. (KANT, 2001, p. 363-364).

Importante reiterar que, de modo geral, o ficcionismo aqui esboçado não deve ser confundido com a não existência de um mundo físico, mas sim, compreendido como sua ausência *a priori* de sentido. Ora, pois, o mundo, na condição de objeto material estaria desprovido de algum arquétipo de predicabilidade ou significado em si, isto é, não haveria qualquer tipo de atribuição autovalorativa da natureza objetual para consigo mesma, ela seria tão somente um dado bruto que, tão pouco, apresentar-nos-ia como entidade ontológica pura, uma vez que, sua “coisidade numênica” de ser-em-si se nos é ocultada. O mundo simplesmente é, e a nós, apresenta-se como fenômeno, portanto, só adquire sentido na medida em que o ser humano volta-se para o mesmo, imprimindo-lhe significado por meio de seus esquemas mentais, suas representações e seus sentimentos.

Interessante que, no Século XX, o Filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951) parece haver chegado a uma conclusão parecida acerca do ficcionismo do mundo (o mundo como uma construção humana); porém, não mais pelo viés filosófico proposto pela tradição racionalista, mas sim, por meio de outro paradigma de investigação que, impôs-se desde que a filosofia manifestou mais diretamente seu interesse por alguns elementos concernes ao campo da linguagem. Este, por sua vez, foi o ambiente no qual emergiram as inúmeras reflexões e discussões que haveriam de dar origem a uma nova vertente do pensamento filosófico contemporâneo denominado “Filosofia da linguagem”, ou, “Filosofia Analítica”.

2.2 DA LÓGICA À PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM

A grande novidade trazida pela Filosofia Analítica diz respeito ao seu método de abordagem. Ela se ocupa praticamente das mesmas problemáticas que a filosofia tradicional, porém, ao colocar a linguagem em evidência, ela procura realizar uma análise mais acurada dos conceitos e das formulações linguísticas, afim de melhor elucidá-las e esclarecê-las; de modo tal a evitar confusões e mal entendidos que possam distorcer, ou mesmo alterar o sentido das palavras, comprometendo a linguagem no desempenho de sua função.

As duas principais vertentes metodológicas da Filosofia Analítica são respectivamente a Filosofia da Linguagem Ideal¹ (inspirada na lógica - primeira Wittgenstein) e a Filosofia da Linguagem Ordinária² (concepção pragmática da linguagem - segundo Wittgenstein).

¹ Filosofia da linguagem Ideal: inspira-se nos métodos das ciências exatas, e é da posição de que a análise da linguagem não deve prescindir de um procedimento que evidencie mais claramente a estrutura lógica de nossas expressões. (COSTA, 1992, p. 28-29).

Wittgenstein é considerado um dos principais filósofos dessa nova corrente filosófica que, dominante, tornou-se um marco da virada do Século e inspirou tantos outros pensadores pós-modernos. Nascido em Viena em 1889, o filósofo teve uma vida intensa e cercada de episódios, dentre os quais, destacam-se: sua ilustre participação no círculo dos pensadores de Viena, as relações travadas com grandes expoentes da filosofia analítica tais como Frege e Russel, a prestação de serviços como voluntário na primeira guerra mundial, a abdição da fortuna que herdara em virtude da morte de seu pai, seu trabalho como professor em uma modesta escola primária, além da realização de atividades como jardineiro.

Por considerar que a filosofia é um trabalho em si mesmo, isto é, no modo como alguém vê as coisas, Wittgenstein buscou incansavelmente por meio desta uma forma de lidar com sua personalidade auto-conflitiva, bem como com suas questões existenciais.

Elaborada durante o período da Primeira Guerra, sua primeira grande obra foi o *Tractatus-Logico-Philosophicus*, aliás, a única que publicara em vida, e que contém uma espécie de filosofia da linguagem ideal. Neste período, fortemente influenciado pelo positivismo lógico, pensou ele por meio deste trabalho haver resolvido todos os problemas da filosofia, tanto que, posteriormente, acabou optando por abandonar a carreira de filósofo (pesquisador), para buscar um estilo de vida mais frugal longe das academias.

Todavia, por mais que o Wittgenstein do *Tractatus-Logico-Philosophicus*, ou como comumente é referido, o primeiro Wittgenstein, considere que o mundo exista na medida em que possa ser expresso pela linguagem, a intuição de que ele, o mundo, seja uma ficção, isto é, uma construção simbólico-linguística, ainda não era algo que povoava sua mente. Isto porque, nesta primeira fase, sua compreensão de mundo fixava-se sobre os alicerces da lógica; “A pureza cristalina da lógica não se entregou a mim, mas foi uma exigência.” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 64). Assim, dever-se-ia tomar o mundo como sendo tudo aquilo que é caso, ao passo que a totalidade de fatos determinaria o que era ou não caso. Os fatos no espaço lógico, por sua vez, seriam o mundo propriamente dito, isto é, o estado de coisas. Ademais, como no universo da lógica não se abre precedentes para o acaso, um objeto só haveria de aparecer no estado de coisas se essa possibilidade já lhe fosse intrínseca, ou seja, parte integrante de sua natureza cognoscível. Portanto, na perspectiva tractariana, o objeto seria uma espécie de entidade fixa que, por sua vez, tornaria possível a teoria referencial do significado.

² Filosofia da linguagem ordinária: ressalva que a filosofia não deve mudar o uso natural e ordinário de nossas expressões, pois, entende que as palavras só fazem sentido dentro de seu contexto específico, em seu uso efetivo. (Ibidem, p. 28-29).

Os objetos tractarianos, [...] sendo eternos, asseguram a linguagem contra a ameaça da perda de referência [...] Sendo imutáveis, eles previnem contra a mudança arbitrária de significado. Sendo simples, eles providenciam o ponto final da análise. (FOGELIN, 1997, p. 41).

Em outros termos, Wittgenstein parte do pressuposto de que o mundo possua uma estrutura lógica, bem como a linguagem, razão pela qual esta seria capaz de representá-lo, refleti-lo, ou figurá-lo num paralelismo perfeito com os fatos atômicos, o conjunto de coisas e objetos, tal qual uma pintura ou um espelho figuram a realidade.

Para que pensemos e falemos do mundo deve haver algo em comum entre a linguagem e o mundo. O elemento comum deve estar em suas estruturas. Podemos conhecer a estrutura de um deles se conhecemos a do outro. Já que a lógica nos revela a estrutura da linguagem, deve nos revelar também a estrutura do mundo. (FANN, 1999, p. 24).

Quanto à estrutura lógica da linguagem, Wittgenstein a trabalha a partir das noções de proposições elementares e forma lógica. As proposições elementares seriam o conjunto de nomes e signos por meio dos quais o sujeito expressa o seu pensamento acerca do mundo que se lhe apresenta (os objetos, os fatos, os estados de coisas). A forma lógica³ por sua vez, refere-se ao elemento comum que deve existir entre a linguagem e a realidade, isto é, o ponto de congruência que, em última análise, atestaria o isomorfismo⁴ existente entre a linguagem e aquilo que ela representa (reflete), isto é, a condição última de possibilidade para que se opere a atividade representativa.

A partir de então, instala-se um problema na teoria Wittgensteriana da linguagem como representação pictórica. Isto porque, dentro desta perspectiva, o significado dos nomes ou das frases são os respectivos objetos ou estados de coisas aos quais estes arranjos linguísticos se referem; o que põe em foco os limites da linguagem significativa, ou, os limites daquilo que pode ser dito; “[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações.” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 27). Depois, a forma lógica é uma espécie de entidade pouco evidente que, pode ser mostrada, mas não pode ser dita. Em outros termos, a linguagem, por mais que tenha a capacidade de representar o mundo, não pode representar aquilo que ela tem em comum com ele, e que, por conseguinte, constitui o instrumento analítico para se compreender todas as demais proposições.

³ Forma lógica: estrutura lógico-formal que envolve o mundo e a linguagem, quase uma entidade metafísica, um não-ente linguístico que, embora seja a condição para a análise da linguagem, não se confunde com ela.

⁴ Isomorfismo: do latim, *isomorfos*; igual, mesma forma.

Diante do impasse, Wittgenstein acaba aplicando à sua própria teoria a advertência feita a todos aqueles que pretendessem dizer algo metafísico, isto é, a máxima de que o indizível, o inexpressível, jamais seria passível de formulação linguística. Considerando que tal pretensão nos projetaria para além dos limites da linguagem possível, Wittgenstein sustentava a opinião de que, aquilo que pode ser dito em geral, deve ser dito claramente, todavia, defronte daquilo que não se pode dizer, deve se calar. Para o filósofo, aqueles que haviam entendido seu trabalho, e por meio dele, escalado através de suas proposições, por elas e para além delas, ao final, deveriam jogar a “escada” fora; aliás, o que ele mesmo procurou fazer, não pouco convencido de que havia de fato solucionado todos os mal-entendidos gerados pela filosofia clássica, restando-lhe tão somente, resguardar o silêncio daqueles que nada mais teriam a dizer.

Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende, por fim as reconhecerá como absurdas, quando graças a elas — por elas — tiver escalado para além delas. (É preciso por assim dizer jogar fora a escada depois de ter subido por ela.) Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente... O que não se pode falar deve-se calar. (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129).

Ao que parece, o silêncio guardado pelo pensador escondia muito mais elementos do que se poderia apreender a primeira vista, talvez, o essencial daquilo que constituía suas concepções éticas, estéticas e morais, isto é, o elementar de sua forma de encarar a vida, bem como de conceber a existência humana. Neste sentido, inclusive, poder-se-ia cogitar a possibilidade de se elaborar uma espécie de “metafísica do silêncio”, bem aos moldes das elucubrações místico-filosóficas nas quais, pouco ou nada se fala, embora se tenha muito a dizer; o que não é caso em questão.

De qualquer modo, tal posição rendeu a Wittgenstein inúmeras críticas por parte de alguns filósofos da linguagem tais como Carnap e Ramsey. Isto porque, eles acreditavam que Wittgenstein havia incorrido em uma contradição ao fazer menção aquilo que não se pode pronunciar (o indizível) e sobre o qual deve se guardar o devido silêncio, ao mesmo tempo em que pretendeu escrever um tratado contendo os pressupostos lógicos para a analiticidade linguística.

Curiosamente, em um momento subsequente, o próprio Wittgenstein parece haver se dado conta do caráter provisório de seu trabalho, isto é, de sua concepção demasiado reducionista a respeito da linguagem. Ao que tudo indica, ele próprio não se contentou com o seu silêncio, tanto que, após algum tempo em completo ostracismo, ele decidiu retornar aos âmbitos acadêmicos, e não tardou em pôr-se a reinterpretar, corrigir e reformular todos os pontos

os quais ele considerava como sendo os equívocos, os erros capitais por assim dizer de seu *Tractatus-Logico-Philosophicus*.

Foi então que, abandonando as doutrinas acerca da forma lógica, Wittgenstein desviou-se dramaticamente para as ações das pessoas, bem como para o papel que as atividades linguísticas as possibilitam desempenhar em suas vidas. Se no *Tractatus* a linguagem estabelecia com o mundo uma relação fixa e formal, agora, o filósofo enfatiza o seu uso nos próprios contextos onde se desenvolvem as atividades cotidianas tais como dar uma ordem, aconselhar, pedir, medir, contar, preocupar-se com os outros e tantas outras atividades mais.

De certa maneira, a ideia de que o mundo é constituído de fatos ainda permanece, não obstante, estes fatos não mais seriam fatos lógicos, isto é, estados de coisas determinadas por estruturas lógicas estáticas, mas sim, um conjunto de práticas e comportamentos resultantes dos próprios atos linguísticos, isto é, das muitas atividades linguísticas que, em seu dinamismo, impossibilitariam quaisquer tipos de limite ou censura, tão pouco admitiriam padrões unívocos de analiticidade.

Todas estas diferentes atividades serão o que Wittgenstein vai conceber como sendo os jogos de linguagem. Aqui ele rompe com a ideia de que a linguagem seja apenas uma mediação, considerando-a parte da totalidade da situação humana, abrindo-a para inúmeras possibilidades de construção.

Esta passagem da teoria pictórica ou referencial da linguagem para a teoria pragmática como que clarividência o hiato existente entre os dois distintos momentos do pensamento Wittgensteriano. Se no primeiro, tal pensamento tem como uma de suas características o verificacionismo como legitimador do sentido de uma proposição, no segundo, o filósofo está disposto a admitir até mesmo uma transgressão da linguagem. Assim, ele irrompe contra todo dualismo epistêmico e antropológico, além de criticar radicalmente a tradição filosófica da linguagem, da qual ele mesmo se acusa haver feito parte.

Ao se convencer de que, por meio da linguagem, podemos dizer muito mais coisas do que apenas designar o mundo, Wittgenstein cogita a possibilidade de que as muitas questões filosóficas de outrora tivessem sido mal interpretadas. Isso porque, na lógica dos jogos linguísticos, não é o objeto que dá o significado da palavra, mas sim o contexto no qual determinada palavra é colocada. Nesta ótica, os limites da linguagem não mais seriam os limites do mundo como atestava o primeiro Wittgenstein, ao contrário, a própria ideia de mundo não estaria desconexa da linguagem. Deste modo, não haveria uma essência do real a ser abarcada, e a relação entre o que nomeia e o que é nomeado estaria perpassada por regras, como

qualquer outro jogo, e o significado de tal nomeação seria o seu próprio uso ou aplicação na linguagem.

As palavras, diz Wittgenstein, só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto; é no uso que ele ganha seu sopro vital. As nossas expressões ganham diferentes funções, de acordo com o contexto no qual são empregadas, modificando-se assim o que se quer dizer com elas. (COSTA, 1992, p. 63).

Para Wittgenstein, não haveria um jogo de linguagem mais verdadeiro que o outro, todos possuiriam o mesmo valor, uma vez que são possuídas de determinadas regras as quais ele chamou de *regras da gramática*, isto é, as regras semanticamente relevantes para o uso da linguagem em cada contexto.

Esta nova perspectiva acerca da linguagem, Wittgenstein desenvolve naquela que foi considerada sua principal obra: *“Investigações Filosóficas”*. De fato, tais investigações sobre a linguagem já haviam começado desde 1929 quando o filósofo retornou a Cambridge; porém, as doutrinas elaboradas desde este período não foram publicadas durante sua vida, mas somente em 1953, três anos após a sua morte. *“Investigações Filosóficas”* é na verdade o resultado final de uma coletânea de cadernos de apontamentos e de notas para cursos e conferências do filósofo.

Com a ideia de jogos de linguagem, Wittgenstein deu não apenas maior ênfase e abrangência ao fenômeno linguístico, mas, sobretudo, lançou luzes que nos permitem um maior entendimento acerca da própria condição humana e sua multifacetada identidade. Isto porque, o que se tem na dinâmica da linguagem é uma constante rasura, isto é, um mesmo e um múltiplo, e o mais impressionante é que a própria linguagem dá conta de articulá-los; por isso, ela é constitutiva tanto do ser humano quanto do seu mundo simbólico.

Posto isto, no capítulo subsequente, aprofundaremos a noção de jogos de linguagem, bem como verificaremos de que maneira esses jogos possibilitam a constituição do mundo humano. Isto, fa-lo-emos a partir de algumas ideias centrais da obra *Investigações Filosóficas*.

3 OS JOGOS LINGÜÍSTICOS E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

3.1 MUNDO, FENÔMENO E LINGUAGEM

O objetivo de Wittgenstein ao introduzir a ideia dos jogos de linguagem foi o de liberar o horizonte dos signos para uma compreensão da linguagem em sua pragmática cotidiana, por conseguinte, estabelecer os parâmetros para uma analítica linguística mais coerente com as práticas e atividades que nela estão imersas. Destarte, foi por essa razão que ele rejeitou a concepção positivista lógica de uma relação figurativa entre proposições e fatos; reconhecendo a variedade e multiplicidade da linguagem em seu funcionamento: “É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 19).

Neste momento é que se pode conceber que surge por parte do filósofo a intuição de que o mundo humano seja uma construção linguística. Intuição porque, ele não o diz claramente em um sentido simbólico-antropológico, uma vez que seu enfoque principal é a linguagem como expressão sígnica da atividade humana, não o conteúdo empírico de suas operações: “Algo vermelho pode ser destruído, mas o vermelho não, e por isso, a significação da palavra vermelho é independente da existência da coisa vermelha.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 35). Não obstante, ele acaba por sugerir tal percepção na medida em que afirma que: “O termo jogo de linguagem deve aqui salientar que falar da linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 18).

Forma de vida seria, pois, a junção entre cultura, cosmovisão de mundo e linguagem, isto é, uma prática humana, ou, uma *práxis* por assim dizer. Desta maneira, mundo, sujeito e linguagem estariam tão estreitamente articulados que poderiam ser tomados como sendo três elementos de uma única realidade, três partes de um mesmo todo linguístico, sem, contudo, incorrer-se no restritivo isomorfismo entre linguagem e mundo sustentado pelo primeiro Wittgenstein em seu conceito de forma lógica: “Se acreditarmos que devemos encontrar aquela ordem, a ideal, na linguagem real, ficaremos insatisfeitos com aquilo que na vida cotidiana se chama frase, palavra, signo”. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 52). Portanto: “A ligação é profunda entre gramática e o mundo sem que sejam, todavia isomorfos – como era o caso, contrariamente no *Tractatus*, de isomorfia entre o mundo e a linguagem.” (MORENO, 1995, p. 16). Deste modo, a tríplice relação acima dar-se-ia de maneira tal que o sujeito linguístico, ao

se voltar para o mundo objetual, buscaria em primeira instância preencher o seu vazio de sentido, criando para si próprio uma representação do mesmo em nível imaginativo. Esta representação, por sua vez, evidenciaria um modo particular de percepção, ao mesmo tempo em que, de alguma maneira, provocaria uma mudança no próprio sujeito que o observa e representa.

Em sentido lato, a lógica deste processo de construção teria, pois, sua expressão na fenomenologia⁵ Husserliana⁶, com a diferença que, tal atividade não estaria ancorada tão somente em um sujeito cognoscente transcendental que, ao intencionar⁷ os objetos do mundo, tomaria consciência de algo que se constitui um fenômeno em sua mente, um objeto epistemológico por assim dizer, a ser descrito em sua pureza.

A fenomenologia husserliana pretende estudar, pois, não puramente o ser, nem puramente a representação ou aparência do ser, mas o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja. Fenomenologia, no sentido husserliano, será, pois o estudo dos fenômenos puros, ou seja, uma fenomenologia pura. (HUSSERL, Edmund, 2002, p. 12).

Assim, no âmbito da linguagem, tratar-se-ia mais precisamente de um sujeito linguístico que, dada sua capacidade de percepção e abstração, apreenderia todas as suas vivências intelectivas e em geral, estas que, ao se tornarem objeto de um puro ver em sua consciência (fenômeno), possibilitar-lo-ia ressignificar, ou mesmo reconstruir o “real” a partir de si, bem como a si próprio por meio do real, e tudo isso, por intermédio da linguagem simbólica. Em outros termos, na relação sujeito/objeto dentro da esfera da linguagem, o fenômeno seria um primeiro nível de representação, uma vez que no momento subsequente, tanto ele quanto o sujeito haveriam de ser reelaborados linguisticamente por meio de representações outras. A conclusiva deste processo seria, pois, a de que o sujeito, ao dizer o mundo, estaria na verdade dizendo a si mesmo, isto é, sua experiência significada de mundo, uma nova realidade decorrente da própria relação mediatizada pela linguagem.

O mundo se constitui a partir da maneira pela qual o homem se relaciona com aquilo que o circunda. Mas o que nos vai interessar, de forma especial aqui, é que a palavra vem a existir como parte deste esforço para estabelecer a relação e para criar valor.

⁵ Fenomenologia: Descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição. Em filosofia, refere-se ao sistema que estuda os fenômenos, tendo em vista uma noção generalizada dos objetos, que compreendem tanto as coisas materiais quanto as formas ideais. (ABBAGNANO, 2012, p. 511- 512).

⁶ Husserliana: deriva de Edmund Husserl (1859-1938); filósofo precursor da fenomenologia enquanto epistemologia (investigação) filosófica. (Ibidem).

⁷ Intencionar, igual a intencionalidade; referência a qualquer ato humano a um objeto diferente dele. Para Husserl é a definição da relação entre o sujeito e o objeto da consciência em geral (o fato de a consciência posicionar objetos) (Ibidem, p. 662).

Ao dar nome para alguma coisa o homem está dizendo o que ela significa para ele: como se relaciona com ela, e como a vê em relação a si próprio. Dar nome é atribuir significação; é ato de organização do mundo em relação a mim. (ALVES, 2006, p. 27).

Entretanto, para Wittgenstein, tais ideias, imagens ou introspecções acerca do mundo, bem como acerca de si próprio, embora sejam representações ou interpretações privadas nas mentes particulares de cada sujeito (por isso, auto-evidentes, acredita-se), só haveriam de ganhar legitimidade enquanto jogo na medida em que tais viessem a se conformar com a forma de vida, isto é, ajustar-se à concordância de respostas linguísticas e naturais por parte de uma comunidade, o que, por sua vez, desembocaria na concordância de definições e juízos, portanto, de comportamentos; mesmo porque, a linguagem é um patrimônio cultural ao qual todos os seres humanos teriam acesso.

Pode-nos parecer estranha, ou mesmo contraditória tal consideração, uma vez que o próprio Wittgenstein nos afirma que:

Pensar deve ser algo único. Quando dizemos ou achamos que algo está deste ou daquele modo, não nos detemos num ponto qualquer, com aquilo que achamos, diante do fato: mas achamos que isto e aquilo estão deste ou daquele modo. Mas pode-se expressar este paradoxo (que na verdade tem a forma de evidência) também assim: pode-se pensar o que não ocorre. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 51).

Outrossim, não devemos tomar tal argumento como embaraçoso ou equivocado. O que está em questão não é o fato de o pensar ser uma atividade singular (a rigor, ele o é indiscutivelmente), tampouco a evidência de que, na paradoxal relação estabelecida entre sujeito, linguagem e mundo, estas três instâncias se influenciem mutuamente. Ora, pois, o que pretende Wittgenstein é tão somente nos advertir que, na esquemata da linguagem, não seriam, pois, sujeitos solipsistas isolados, fechados em si mesmos, definindo ostensivamente conteúdos mentais e se auto-relatando suas próprias sensações, percepções e crenças quem fundamentariam a aplicação, bem como a compreensão das inúmeras expressões que normalmente usamos para nos referir a estados privados, tais como, por exemplo: dor, humor, tristeza e tantos outros. Isto porque, primeiro, tais estados não seriam apenas sensações privilegiadas de um uno, mas sim de um múltiplo, que por sua vez, constitui um todo linguístico no qual se operam as devidas regras de emprego que repousam nas práticas aceitas e acordadas de uma comunidade (aqui, a noção seria de costume). Wittgenstein expõe tal noção da seguinte maneira: “O aceito, o dado – poder-se-ia dizer – são formas de vida.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 218). E ainda:

Como posso seguir uma regra?” – Se isto não é uma pergunta pelas causas, é então uma pergunta pela justificação para o fato de que eu ajo segundo a regra assim. Se esgotei as justificações, então atingi a rocha dura e minha pá entortou. Estou então inclinado a dizer: “é assim que ajo. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 91).

Depois, a própria noção de subjetividade egológica (para a qual uma linguagem totalmente privada é possível) difundida pela tradição filosófica, desde Descartes (*ego*, eu, consciência, mente), parece não haver sido suficientemente elucidada a ponto de eliminar todos os mal-entendidos e corolários por ela gerados, razão pela qual Wittgenstein dá a questão um extenso tratamento nas *Investigações Filosóficas*.

Mas quando me represento algo, ou também quando vejo realmente objetos, então tenho algo que meu próximo não tem. – Compreendo-o. Você quer olhar para em torno de si e dizer: “Apenas eu tenho ISSO.” – Para que essas palavras? Não servem para nada”..., ... É também Claro: quando você exclui logicamente que um outro tem algo, também perde o sentido dizer que você o tem. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 124).

Portanto, quando alguém tem a pretensão de dizer de si mesmo por meio de uma linguagem privada, embora pense estar se referindo a um eu identitário, totalmente fechado a outrem, ele já o faz irrefletidamente em relação a outro que não se confunde com ele, mas que, no entanto, é tão ser de sensação, percepção e crença quanto (uma coisa é sentir o que o outro sente; outra é sentir como ele sente). Donde decorre que, pensar a singularidade é desde sempre reconhecer-se singular em relação aquilo que não o é (totalidade), ou a outras singularidades; quer dizer, não resulta excluí-las.

Mas então, poder-se-ia contra-argumentar: como é possível à expressão dor ou a quaisquer outras que evoquem diretamente estados mentais vincularem-se às sensações para falar sobre as quais nós as usamos? Para Wittgenstein, existe uma possibilidade, e ele a esboça no seguinte raciocínio:

O que se passa com a linguagem que descreve minhas vivências interiores e que apenas eu próprio posso compreender? Como designo minhas sensações com palavras? – Assim como o fazemos habitualmente? Minhas palavras que designam sensação estão ligadas as minhas manifestações naturais de sensação; - neste caso, minha linguagem não é privada. Outro poderia compreendê-la como eu. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 97).

Aqui, a ideia é que o que normalmente pensamos como estados e processos privados (dor, raiva etc.) seriam traços de nossa natureza humana que têm, portanto, expressões naturais em nossos comportamentos. Neste caso, os dispositivos linguísticos dos quais dispomos para falar deles seriam substitutos publicamente apreendidos destes comportamentos.

3.2 O LUGAR HERMENÊUTICO DA NOSSA FALA.

Importa, pois, reiterar que de maneira alguma, Wittgenstein desconsidera que possam existir de fato instâncias subjetivas ou experiências egológicas particulares por parte do sujeito. Ele só pondera que, aprioristicamente, seria impossível a alguém por a si mesmo o sentido último de suas representações, pois, conceber um jogo linguístico solitário aos moldes de um “sujeito lógico transcendental” seria no mínimo contra-intuitivo, senão, incoerente para com o caráter comunicativo intrínseco à própria linguagem.

A essa concepção, Wittgenstein agora opõe que estado e processos mentais, como achar e pensar, não são necessários nem particularmente característica para o → emprego da linguagem. Isso está relacionado ao fato de que a função principal de emprego do sinal consiste em comunicar algo aos outros. (BUCHHOLZ, 2008, p. 45).

Assim sendo, procede que a primeira palavra nunca seja originalmente nossa, que ela seja desde sempre condicionada; o que significa dizer que, quando pretendemos atuar linguisticamente por meio da palavra, fazêmo-lo a partir de uma “palavra” anterior, um significante e um significado prévio que, de algum modo, já predeterminou o nosso agir linguístico, o ato de nossa fala e o “lugar” donde falamos. Disso decorre que, ao menos num primeiro momento, nossa ação linguística, inevitavelmente, tende a obedecer a certos modelos paradigmáticos de comunicação pública.

Paradigma corresponde a uma técnica de uso da linguagem em que são ativadas palavras e objetos previamente organizados através de outras técnicas. Um objeto é escolhido ou construído e, em seguida, apresentado como sendo o modelo para a aplicação da palavra. Todavia, esse gesto deve sempre ser contextualizado, interpretado relativamente a uma lição (*Unterricht*) que indicará o contexto de sua aplicação e sua finalidade no jogo de linguagem. (MORENO, 1995, p. 18).

Na perspectiva Wittgensteriana, a linguagem é uma construção que se dá na relação. Portanto, ainda que se possa, em um sentido geral, considerar que nela nascemos, somente *a posteriori* somos incorporados na mesma como sujeitos linguísticos, seres de cultura, animais falantes e portadores da palavra. Por esta razão, embora seja inequívoco o fato de que nascemos dentro de um jogo de linguagem qualquer, dele não possuímos uma pre-compreensão, ao passo que, só aprendemos a jogá-lo na medida em que somos instruídos em suas regras básicas por meio de outrem, donde decorre que aprendemos o jogo jogando, no ato mesmo de jogar.

Nas *Investigações Filosóficas*, este primeiro jogo de linguagem aparece relacionado às práticas de ensino nas quais os signos se encontram nas formas primitivas de linguagem. Es-

tas primitivas formas de linguagem seriam os jogos por meio dos quais uma criança começa a utilizar as palavras. É o caso, por exemplo, de um pai que, sob o olhar de seu bebê, aponta para objetos a fim de nomeá-los, no intento de que o infante possa compreender e relacionar o nome proferido ao objeto empunhado pelo pai. Este procedimento é o que Wittgenstein chama de visão agostiniana de linguagem, presente no atomismo lógico do *Tractatus-Logico-Filosoficus*.

Tais formas primitivas da linguagem empregam a criança, quando aprende a falar. O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim um treinamento. Uma parte importante desse treinamento consistirá no fato de que quem ensina mostra objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando então uma palavra, por exemplo, a palavra lajota. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 11).

Urge ratificar que, ao empreender uma pesquisa mais aprofundada sobre nossas práticas de ensino, Wittgenstein destacou o fato de que a relação entre nome e objeto não é monolítica, isto é, que linguagem e mundo não se relacionam de maneira fixa e formal, pois, se assim o fosse, operar-se-ia um reducionismo no universo significativo da linguagem (Este foi o seu grande erro de outrora). Esta larga e abrangente compreensão acerca das probabilidades linguísticas é, pois, o efeito imediato do revisionismo a partir do qual o próprio filósofo pre-dispôs-se a sobrepular, suprassumir o seu conceito elementar e restritivo acerca da linguagem, outrora, alicerçado na rigidez estrutural dos fatos lógicos e das proposições elementares defendidas no *Tractatus*.

Todavia, não há porque pensar que as referidas práticas de ensino não sejam importantes para Wittgenstein, mesmo porque, ainda que com critério, ele próprio concorda que, de algum modo, elas explicitam certas distinções do uso que fazemos das palavras, evidenciando que mesmo nas formas mais primitivas de linguagem, o jogo deve ser completo.

Porém, tais práticas linguísticas rudimentares seriam como que uma espécie de preparação para a construção de jogos de linguagem mais elaborados. Com o suceder dos processos “linguístico-instrucionais”, atos da fala, tais como: mandar, comandar, descrever um objeto, relatar um acontecimento ou nomear coisas seriam acrescidos de atividades mais complexas, tais como: mentir⁸, relatar sonhos, formar hipóteses, incluindo também modos de discurso

⁸ Somos talvez precipitados ao supor que o sorriso do bebê não é simulação? – E em que experiência se baseia nossa suposição? (Mentir é um jogo de linguagem que deve ser aprendido como qualquer outro). (WITTGENSTEIN, 1979, p. 93).

como fazer previsões⁹, atribuir cores a objetos, assim por diante. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 79-80; 92-95; 118-163).

3.3 A MULTIPLICIDADE DOS JOGOS LINGUÍSTICOS

A seguir o raciocínio acima, Wittgenstein considera que exista uma multiplicidade de jogos de linguagem, diversas maneiras de se empregar as palavras. Não haveria, pois, um traço único que viesse a definir o que todos os jogos de linguagem têm em comum, isto é, não existiria uma essência fixa que pudesse abarcar a totalidade da linguagem.

Aqui encontramos a grande questão que está por trás de todas essas considerações. Pois poderiam objetar-me: Você simplifica tudo! Você fala de todas as espécies de jogos de linguagem possíveis, mas em nenhum momento disse o que é o essencial do jogo de linguagem, e, portanto da própria linguagem... E isso é verdade – Em vez de indicar algo que é comum a tudo aquilo que chamamos de linguagem, digo que não há uma coisa comum a esses fenômenos, em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 38).

Disso decorre que, os jogos de linguagem sejam autônomos, por conseguinte, jogados de acordo com regras de uso convencionadas dentro de cada contexto, a saber, regras pragmáticas; “Não é jogo algum, se houver uma vagueza nas regras – Mas então não é jogo algum? Sim, talvez você vá chamá-lo de jogo, mas em todo caso não é um jogo perfeito”. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 52).

Por esta razão, empreender uma analítica do significado das palavras consistiria antes de tudo em situá-las dentro dos respectivos jogos nos quais elas são empregadas, para então verificar quais funções elas podem exercer nos diversos jogos linguísticos. As percepções acima, desde o inessentialismo sógnico à pragmática contextual do emprego da linguagem equivalem aquilo que, na perspectiva da linguística saussuriana, chamaríamos de não anterioridade do signo.

Para Saussure¹⁰ é um erro pensar que possam existir categorias ideais que antecedam aos signos linguísticos. Isto porque, eles, os signos, seriam tão somente acidentes, quer dizer, só existiriam no momento em que fossem empregados por um sujeito. Desta forma, fora de

⁹ b) Alguém observa certos processos regulares -, por exemplo, as reações de diferentes metais à ação de ácidos – e a partir daí faz previsões sobre as reações que surgirão em determinados casos. (Ibidem, p. 163).

¹⁰ Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi linguista e filósofo suíço, cuja teoria linguística influenciou para o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma. Saussure entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que propôs que fosse chamada de semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a linguística adquiriu autonomia, objeto e método próprios. (Cf. SAUSSURE, Ferdinand et. Al. **Textos selecionados**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978).

seu uso, o signo seria praticamente inexistente, tampouco, poder-se-ia precisar o seu significado.

Aqui, ao contrário, é muito crítico começar a falar da diversidade do signo na IDÉIA uma em vez de falar de sua diversidade no emprego uno ou significação una []: porque isso é cair no erro de acreditar que haja, anteriormente estabelecidas, quaisquer categorias ideais em que aconteçam depois, secundariamente, os acidentes do signo. (SAUSSURE, 2002, p. 51).

Para tanto, as preditas articulações acima nos oferecem uma ínsita ideia de como o fictício mundo humano da linguagem vai se constituindo; subdividindo-se em uma série de pequenos mundos, parcelas de mundo, territórios linguísticos por assim dizer, nos quais se originam os profusos modos de vida com toda a riqueza de suas especificidades. Estes modos de vida se expressariam, pois, nas múltiplas organizações sociais, bem como nas diversas estruturas políticas e econômicas, e, sobretudo, nas pluriversas modalidades culturais vigentes e emergentes dentro desses vários *microcosmoi* linguísticos.

Cada um desses referidos espaços de atuação humana, por sua vez, jogaria o seu jogo linguístico particular, de modo tal a probabilizar aos seus “diferentes” fazerem-se iguais dentro de um coletivo, isto é, dentro de um *ethos*; ao mesmo tempo em que diferentes em relação a outras formas de agremiação social e a outros *ethos*.

Dentro desses *loci* linguísticos, portanto é que a vida acontece em sua concretude. Nelles se operam os jogos de linguagem do cotidiano que estabelecem as pragmáticas normativas, as redes conectivas entre as inúmeras subjetividades, tornando assim possível as relações interpessoais e de alteridade, que por sua vez, culminam no modo de vida propriamente dito.

Não obstante, há quem questione o fato de Wittgenstein haver restringido o significado das palavras tão somente aos seus respectivos jogos linguísticos, argumentando que tal postura, talvez, fosse resultado de alguns resquícios de logicidade ainda perdurantes no seu pensamento. A crítica tem seu grau de procedência, contanto que se tenha a devida precaução de não associar este possível limite dos jogos de linguagem ao circunscrito e reducionista positivismo lógico. Ora, pois, o projeto Wittgensteriano nas *Investigações Filosóficas* foi exatamente o de romper com as regras fixas, bem como com os rígidos métodos de análise, a fim de emancipar a linguagem de suas amarras lógicas, de modo tal a oferecer-nos novas chaves de interpretação e compreensão dos signos linguísticos, isto é, seus inúmeros significados. Destarte, esta foi a razão pela qual o filósofo teve que delimitar os jogos linguísticos, exatamente para ampliar as suas semânticas, considerando a linguagem em sua multiplicidade, em seus vários modos de usos, sob suas determinadas condições.

Quem não tem perante os olhos a multiplicidade dos jogos de linguagem será talvez inclinado a colocar questões como estas: o que é uma pergunta? – É a constatação de que não sei tal e tal coisa, ou a constatação de meu estado anímico e incerteza? E o grito de socorro? É uma tal descrição? (WITTGENSTEIN, 1979, p. 19).

Haveria, pois, outros nichos argumentativos que acusariam Wittgenstein de ter abandonado o positivismo lógico para aderir ao relativismo, uma vez que todos os jogos de linguagem devam ser de igual maneira, considerados válidos dentro de seus respectivos parâmetros de funcionamento. A respeito disso, deve-se ponderar que, se tal crítica pretende se fundamentar em pressupostos de caráter ético ou tecno-científico, faz-se mister reputar que nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein pretendia em última instância uma analítica da gramática dos jogos de linguagem, não prescrever algum tipo de juízo de valor ao que se refere às práticas humanas, tampouco nivelar pretensos irracionalismos instrumentais (linguagens mitológicas, populares) às proposições verificáveis da ciência.

Depois, se tal acusação procede do campo linguístico-filosófico propriamente dito, seria no mínimo arbitrário igualar Wittgenstein aos demais relativistas, uma vez que suas considerações quanto à imanência da justificação e da dúvida dizem respeito a observações gramaticais (gotas de gramática como ele diria) que sirvam de lembrete acerca do modo como as palavras são usadas na prática. Esta, por sua vez, foi sua grande contribuição para a o campo investigativo da linguagem. (GLOCK, 1998, p. 176).

Poder-se-ia também objetar que os jogos linguísticos, uma vez que estão sujeitos a critérios pragmáticos, seriam suscetíveis a modificações ou mesmo substituições com o passar do tempo, conforme o grau de interação que proporcionam. Ora, pois, é exatamente isso o que sugere Wittgenstein, não apenas como possibilidade, mas como algo que efetivamente tende a acontecer. Segundo ele, ao longo dos anos modificamos determinados jogos, descartamos outros, além de criarmos alguns de acordo com a importância que tais jogos tem para nós, bem como para o meio no qual o empregamos.

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comandos, talvez? - Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies de emprego daquilo que chamamos de signos, palavras, frases. E essa pluralidade não é nada fixo um dado para sempre, mas, novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderiam dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos... (WITTGENSTEIN, 1979, p. 18).

Os jogos de linguagem são parte integrante de uma forma de vida, constituem uma verdadeira prática humana; portanto, é natural que, assim como todas as práticas que envolvem seres humanos os jogos de linguagem possuam caráter mutante, isto é, estejam sujeitos à mudanças. Caso contrário, sequer poderíamos falar em formas, modos de vida, povos e cultu-

ras que nos tenham precedido na história; tampouco daquelas que inevitavelmente haverão de nos suceder, como é o caso do fenômeno das novas gerações.

É de nosso conhecimento que, o predito conceito de mutabilidade, ou movimento, como queira, não é uma novidade no âmbito do pensamento filosófico contemporâneo. A começar por Heráclito de Éfeso, tal imagem fora abordada em inúmeros sistemas de pensamento, vindo a ganhar sua máxima expressão na filosofia idealista de Hegel. Este filósofo, pondo para si a pretensiosa tarefa de sintetizar todo o legado da tradição filosófica até então, numa outra perspectiva que não à da evolução linguística, procurou esboçar o modo pelo qual a dialética do espírito dinamiza as contradições da história e do pensamento, bem como os opostos das relações humanas no tempo e no espaço, de tal modo a operar as superações e mudanças necessárias ao desfecho dos vários capítulos, estágios ou etapas da situação humana no mundo (consciência), rumo ao “absoluto”. Sobre este processo nos diz Nunes:

Para Hegel, o Absoluto é a realidade pensada em todas as suas relações, inteiramente explicitada e reconstruída pelo pensamento..., ...Mas essa explicitação que o pensamento leva a cabo, é um processo: de conceito a conceito, a realidade envolve, graças ao dinamismo das contradições que impulsionam e que supera cada etapa de sua evolução, até descobrir-se inteiramente na totalidade dos nexos que constituem o absoluto. (NUNES, 2005, p. 63).

Não obstante, no que tange aos domínios de uma *práxis* linguística, não haveria, pois, um espírito que se impõe à materialidade do mundo a fim de consumi-la (superá-la), tampouco um “absoluto” a ser atingido, uma vez que a linguagem é indicativa de si mesma (ela é um si), além de, em sua irreduzibilidade dialética de um vir-a-ser linguístico, sempre trazer consigo algo de inusitado a nos apresentar.

A linguagem, continuamente, haverá de nos propor novas tramas e cenários nos quais o misterioso e fascinante jogo da vida se desenrolará. Em sua inesgotabilidade, ela sempre nos guarnecerá do instrumental necessário para construirmos, desconstruirmos e reconstruirmos ilimitadamente e humanisticamente o nosso mundo. Isto porque, se existe uma verdade maior acerca de nós mesmos, esta é a de que somos seres de linguagem, somos a própria linguagem; o que equivale dizer que somos seres simbólicos, “simulacros” no gigantesco palco da existência encenando para nós mesmos e para os outros.

À vista disso, deve-se, pois, reconhecer que o primeiro Wittgenstein realmente estava equivocado em suas teorias sobre a linguagem. Afinal, aquilo que não pode ser dito não deve ser calado, jamais; mesmo porque, o incomunicável é de alguma maneira linguagem, e como tal, comunica-nos algo em sua incomunicabilidade. Porquanto, abre-se aqui espaço para os

princípios éticos universais, a estética, a religião e tantas outras compreensões de caráter metafísico que fogem às formulações linguísticas convencionais. Além do mais, o indizível só o é enquanto não somos capazes de usar nossa criatividade e imaginação para dizê-lo (o que não quer dizer que possamos exprimi-lo, não podemos. A linguagem não o captura: diz, não diz, e diz mais, logo, não o toca). Esta, talvez seja uma das mais plausíveis conclusões a qual o segundo Wittgenstein nos permite chegar por meio de seus jogos de linguagem.

4 CONCLUSÃO

A evidência de que o “*lócus*” sobre o qual o ser humano acontece em sua individualidade, bem como elabora o seu mundo são os jogos linguísticos, permitir-nos-ia prosseguir em nossa reflexão acerca deste duplice processo de ideação simbólica em direções outras que não apenas a da filosofia analítica, uma vez que, coloca em foco a primazia da linguagem frente a construção da situação humana no mundo.

Não obstante, embora Wittgenstein tenha considerado as inúmeras práticas cotidianas que envolvem os nossos modos de vida, bem como o nosso existir no mundo; ele, na condição de filósofo da linguagem, demonstrou particular interesse somente pelas expressões e formulações linguísticas de tais modos. Por esta razão, sua proposta de uma terapia da linguagem, em sentido estrito, restringiu-se aos limites de uma análise gramatical¹¹ da linguagem.

Todavia, fato é que a linguagem incide de maneira decisiva em nossas vidas, não apenas em sua dimensão intelectual, que diz respeito à nossa condição linguística de animais falantes e decodificadores de signos; mas, sobretudo, em sua dimensão psíquica que, a saber, dinamiza a maior parte de nossas vivências, por vezes, sem que tenhamos consciência de tal.

Portanto, ainda que a título de menção, vale considerar que, nesta direção, a psicanálise realizou importantes estudos e fez relevantes descobertas no que tange ao campo da psicolinguística, conseqüentemente, contribuindo para uma melhor compreensão do comportamento humano, sobretudo, a partir de um método de abordagem psicoterapêutico que dá primazia à palavra dita; método este conhecido como Associação Livre de Ideias¹².

Aquilo que se refere ao corpo teórico da psicanálise, Lacan, apropriando-se das teorias do mestre vienense, ao mesmo tempo em que reelaborando seus pressupostos a partir da linguística saussuriana, de maneira bastante original, intuiu que os muitos processos linguísticos que envolvem a construção do mundo como representação, bem como do ser humano como sujeito egológico (eu, *ego*), podem operar de maneira tal a distorcer a própria linguagem que os constitui. Assim, este movimento construtivo desconstruído, por se dar em uma via de

¹¹ Gramática para Wittgenstein não significa o que comumente se entende por este termo; ele antes, quer dizer lógica – mais precisamente, a lógica de determinada atividade linguística. Há muitos tipos diferentes de atividade linguística; portanto, há muitas maneiras diferentes em que a gramática da linguagem funciona. (GRAYLING, 2002, p. 92).

¹² Associação Livre De Idéias: Método terapêutico criado por Sigmund Freud para substituir a hipnose. Este método consiste em convidar o paciente a deixar que suas representações e lembranças se encadeiem espontaneamente na medida em que vão surgindo na mente, pois, acredita-se que as ideias não são absolutamente fortuitas, isto é, que aquilo que uma palavra ou uma situação evoca no paciente teria uma relação interna com os conteúdos e tensões íntimas do mesmo (experiências traumáticas esquecidas). Esta nova técnica forneceu a Freud o material de fatos que se tornou o ponto de partida de suas novas concepções teóricas, principalmente do chamado recalque. (NUTTIN, 1967, p. 43-44).

mão dupla, haveria de resultar em aquisições e perdas por parte do sujeito que, ao se constituir por meio da linguagem, perder-se-ia em sua verdade mais original.

Tão logo, teríamos de um lado um sujeito que se constitui simbolicamente como ser de cultura e das representações sociais, e do outro, um mesmo sujeito que se perde nas malhas de um discurso incapaz de exprimi-lo em sua subjetividade (Para Lacan, o real é o inexprimível, isto é, o indizível, aquilo que se encontra fora dos domínios do simbólico); subjetividade esta que, configura-se o real de si, o inconsciente, resultante deste primeiro recalque. O culminar deste processo seria, pois, a ruptura do sujeito consigo mesmo e a instalação do vazio pela perda de si (o desamparo original do qual nos lembra Freud). Tal vazio, ou falta, por sua vez, traduz-se-ia em desejo impossibilitado de realização plena (Por isso, afirma Lacan que o homem está condenado a desejar, o que significa dizer que ele será um eterno atormentado pela falta, ou, em termos próprios, pela Hiancia).

Esta falta seria precisamente o sítio onde se manifestaria uma espécie de pobreza fundamental do ser do homem, a região dos inúmeros significantes pendentes de significado, um lugar que a linguagem preenche, mas não plenifica. Seria, pois o lugar por excelência do não contentamento, da palavra mendicante de sentido, da estranheza diante de si, ou, até mesmo, quem sabe, a região do enigmático silêncio do primeiro Wittgenstein. De qualquer maneira, fato é que aqui, o homem não é *a priori*, não possui uma essência ou substância que lhe sirva de atestado ontológico, tão pouco é causa de si mesmo frente às inúmeras artimanhas do inconsciente e suas pulsões desordenadas (pulsão de morte - *Thanatos*, e pulsão de vida - *Eros*).

Por isso, para lidar com a abundância de sua pobreza, o homem recorreria às construções simbólicas, e com isso, operaria uma duplicação de seu próprio mundo. Tudo, absolutamente tudo no homem é fruto de um processo de construção. Ser homem ou mulher, banquear com os afetos, fazer amor, criar as mais espetaculares fantasias sexuais em torno de um objeto de desejo, enterrar os mortos, erigir valores éticos e morais, professar credos ou religiões, todos estes empreendimentos são um *a posteriori* cultural¹³, elaborações que permitem ao homem lidar com os limites impostos pelo real, uma vez que este, em si, é-lhe praticamente inacessível.

O mais curioso é que, todo este trabalho de uma possível reconciliação do sujeito com o mundo, bem como com o seu psiquismo por meio do simbólico é mediatizado (mediado) pela linguagem. Ora, pois, quando as coisas são postas em cena, isto é, quando a linguagem diz, comunica, ela constrói, cria uma realidade nova a partir daquilo que fora dito. É pela lin-

¹³ No contexto, *a posteriori* cultural implica algumas dentre as inúmeras expressões humanas (manifestações) referentes aos múltiplos jogos de linguagem considerados por Wittgenstein.

guagem que somos capazes de construir um mundo novo para nós mesmos, remodelar nosso pictorial mental, reeditar nossas ideias, relativizar verdades absolutas; afinal, como nos diria o próprio Nietzsche acerca do que seja a verdade:

Um exército de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível. (NIETZSCHE, 2007, p. 36-37).

“Portanto, se a verdade é de fato um exército de metáforas”, isto é, o culminar de uma série de construções linguísticas, então ela mesma é passível de desconstrução e reconstrução.

Em todo caso, ainda que a proposta filosófica de Wittgenstein tenha prescindido da envergadura necessária para se verificar, em termos psicanalíticos, os possíveis efeitos da linguagem na psique humana (os jogos de linguagem alternativos, neuróticos, narcísicos, edípicos, catarsicos, fantásticos, fantasiosos), não se pode negar que ela tenha dado uma significativa contribuição às investigações concernes aos âmbitos da filosofia da linguagem, bem como às discussões referentes aos campos da filosofia da mente, sociologia, teologia, psicologia, hermenêutica, dentre outros.

Isto porque, ao irromper contra quaisquer tipos de idealismo e cientificismo a partir de sua noção de jogos linguísticos, Wittgenstein não apenas fez alertar os filósofos acerca de suas ilusões imagéticas oriundas daquela concepção estruturalista lógico-formal, bem como da má compreensão de como realmente funciona o seu instrumento de trabalho por excelência; mas, sobretudo, devolveu à linguagem toda a dinamicidade sem a qual ela tornar-se-ia estranha a si mesma.

Além disso, o filósofo também fez superar a errônea e recorrente tendência analítico-positivista de se separar logicamente sujeito, linguagem e objeto, como se fossem instâncias distintas uma das outras. Afinal, tal dessemelhança não procede, já que, em última instância, sujeito, linguagem e objeto confundem-se, complementam-se, sintetizam-se, formam uma só unidade.

Posto isso, poder-se-ia questionar se tal percepção sintético-unitária do sujeito não seria, pois, de algum modo, um retorno a Hegel; ao que, convir-se-ia reputar: pouco provável, neste caso. Isto porque, na perspectiva estritamente filosófica de Hegel, sujeito, linguagem e objeto (ou mundo) não são instâncias a serem reconhecidas ou compreendidas em si mesmas (ainda que pensadas unitariamente como tríplice dimensão do humano), uma vez que estas se

constituem tão somente manifestações, momentos distintos do espírito absoluto que, pleno, soberano e, desde sempre, reconciliado consigo mesmo e com todas as coisas, revela-se progressivamente na história.

Portanto, embora a tríade possa sugerir algo em torno de um *Alfhebung* (suprassunção hegeliana), tal síntese, em contrapartida, reclama para si independência ontológica em relação à ideia (espírito, conceito, razão), ideia esta que, no sistema Hegeliano, faz operar uma espécie de pseudo-reconhecimento da alteridade, já que, em última análise, só é capaz de mediar consigo mesma (O Filósofo eleva o seu idealismo às últimas consequências, a exemplo de Platão). Deste modo, tornou-se impraticável em Hegel uma resolução para o problema da subjetividade, pois, se tudo só se justifica a partir do absoluto, então, para além de uma reconciliação, o pensador implementa uma espécie de ditadura do *Geist*, na qual, tudo realmente muda (dialética), mas só o espírito se reconhece (o absoluto, analogicamente, seria uma espécie de totalitário, narcísico, por assim dizer, tal qual o “ser” dos metafísicos).

Por esta razão, sujeito, linguagem e objeto exigem, aqui, uma espécie de reconhecimento do existente como totalidade em si mesmo, unidade sintética autônoma, causa de si no ato mesmo de existir. Este existir, a propósito, é o que Heidegger denomina *Dasein*, o ser-aí, que tem como horizonte ôntico a ser significado o mundo imanente, ou, o mundo dos entes. A significação, por sua vez, culminaria no que Wittgenstein reconhece como sendo o modo de vida, isto é, as articulações linguísticas constituintes do já mencionado mundo humano.

Assim sendo, pensar o ser humano sem a linguagem seria, pois, pensar a própria não humanidade, o silêncio absoluto diante de um mundo empírico opaco a si mesmo, bruto, denso, nem belo nem feio, tão pleno de ser que vigoraria nos domínios do nada de ser, que nada intenciona, nada nadifica, tão somente uma coisidade pura; a saber, o absurdo. Portanto, o mundo (o objeto) só o é enquanto ficção, quer dizer, só se pode conceber sua existência na medida em que um existente atua sobre ele, construindo-o culturalmente, simbolicamente, linguisticamente, atribuindo-lhe significado, enfim, estabelecendo para si um modo de vida.

Wittgenstein, mesmo diante do carma da dureza e impenetrabilidade de sua filosofia primeira, foi capaz de encontrar um itinerário investigativo alternativo que, ao ampliar suas percepções analíticas, possibilitou-lhe libertar a linguagem das malhas rígidas da lógica. Destarte, ao libertá-la, paralelamente, ele parece haver feito o mesmo consigo; pois, o maior desafio de um filósofo é ver-se capaz de derrotar suas próprias ideias, para fazer nascerem outras mais apropriadas.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 1210 p.
- ALVES, Rubem. **O Suspiro dos Oprimidos**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006. 180 p.
- BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2008. 165 p. (Compreender).
- COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. 93 p. (Diagrama,21).
- FANN, K. T. **El Concepto de Filosofia e Wittgenstein**. Madri: Editorial Tecnos, 1999.
- FOGELIN, Robert. J. Wittgenstein's Critique of Philosophy. In: SLUGA, H. D.; STERN, D. G. (Org.) **The Cambridge Companion The Wittgenstein**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 398 p. (Dicionários de Filósofos).
- GRAYLING, A.C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002. 157 p. (Mestres do pensar).
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia: introdução e tradução de Urbano Zilles**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 96 p. (Filosofia, 41).
- KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein através das imagens**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995. 142 p. (Repertórios).
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Organização e Tradução Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.
- NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. 128 p. (Fundamentos, 38).
- NUTTIN, Joseph. **Psicanálise e personalidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967. 424 p.
- SAUSSURE, Ferdinand et. Al. **Textos selecionados**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SAUSSURE, Ferdinand; BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (Orgs.) **Escritos de linguística em geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 207 p. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 222 p. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosoficus**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1968. 294 p.